

A SAVANA E EU

BEATRIZ AQUINO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Krishnamurti Góes dos Anjos

ARTE DE CAPA
Maurício Barbosa

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A657S

AQUINO, BEATRIZ. 1976 -
A SAVANA E EU / BEATRIZ AQUINO -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2019.

134 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-490-7

1. CRÔNICAS I. TÍTULO

CDD.: B869.8

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



Sobre Fósforos e Sal

Lúcia se casara com um homem bom, pois que também era boa. Os dois eram um desses encontros suaves e serenos que a vida presenteia senão àqueles que foram cordatos e ordeiros em existências anteriores.

Ela jovem, ele jovem. Ela tímida, de uma timidez recatada, mas cheia de pequenos improvisos românticos. E ele nobre e protetor como todo bom e nobre cavalheiro deveria ser. Os dois moravam no mesmo bairro e cresceram no mesmo bairro. Na mesma escola não estudaram não, mas iam aos mesmos encontros estudantis e na mesma colônia de férias. Era o destino dele que a encontrasse e era o destino dela que o amasse assim logo de pronto, antes mesmo de escrever no caderno, em coraçõezinhos arfantes, os nomes de seus possíveis pretendentes. Eram dele os sonhos dela e pronto. Os de menina, os de moça, os de mulher e os de senhora, aquela que ela um dia seria.

Eram perfeitos os dois dentro da imperfeição comedida e serena que eram. Perfeitos sem saber que eram perfeitos, uma perfeição também desconhecida dos romances, contos

e lendas essas escritas tão habituadas a construir castelos, mas geralmente tão pouco sinceras quanto a beleza que pode existir no prosaísmo da vida a dois.

Sim, Lúcia e Roberto, era esse o nome dele, eram prosaicos e simples. Mediócras até se olhados por olhos apressados, mas carregavam uma beleza interna, não aquela de profundidade filosófica, mas uma beleza que ia sem desvios, da raiz à superfície e que emocionava, também de forma discreta, a quem quer que testemunhasse o cotidiano dos dois. Porque com eles era sempre tudo certo, certo. Não havia nada de subjetivo e conflituoso. Eram um para o outro como dois e dois são quatro. Nenhuma nuvenzinha de abstratismo pairava sobre suas singelas cabeças.

Eles eram assim, tanto no amor quanto na vida, como a lista de compras do supermercado daqueles que sabem exatamente o quanto podem gastar e que, portanto, educam seus gostos, mesmo os mais ávidos e urgentes, aos números ditados pelo recebimento do mês. A subsistência do casal, além do sentimento que os mantinha, se dava assim:

— 3kgs de feijão. 5kgs de arroz, 1kg de açúcar, 1/5 kg de sal, 1 pacote de café, 2kgs de farinha de trigo, 1 lata de óleo, 6 latas de sardinhas, 1 bandeja de ovos, 1 caixa de fósforos, duas barras de sabão e 1 tubo grande de pasta de dente. -

Pronto. Eles eram isso. Simples, precisos e necessários como uma boa lista de supermercado. O resto das coisas, o leite, o pão, as verduras e frutas, Roberto comprava durante a

semana com o dinheiro dos bicos de eletricista que realizava após sair do trabalho da fábrica de móveis. Quanto às cortinas, as lãs, os pequenos bordados e todas essas coisas ínfimas que enfeitam o lar sem que seus moradores percebam, essas ficavam por conta de Lúcia, que pagava com o dinheiro que recebia dos pequenos reparos em roupas que fazia para a vizinhança em sua também pequena máquina de costura.

As semanas eram boas, pois que sempre traziam surpresas ingênuas como a metade de um queijo que o Sr. Matias da venda enviava para pagar o conserto do vestido da mulher ou um e outro corte de cabrito (dado como pagamento do conserto da geladeira do açougue) que Roberto e Lúcia comiam com ervas simples e muito reconforto na alma.

No final do mês, que era o dia da compra grande, aquela que obedecia a lista a risca, Roberto as fazia sempre com um sorriso no rosto, naquela satisfação sincera de quem venceu o mês e todas as suas adversidades. E as trazia pra casa sempre com uma caixa pequena de bombons escondida no bolso. Bombons que a esposa adorava. Era o único pequeno luxo, o único e modesto capricho que Lúcia fazia e pelo qual se deixava reverenciar, pois aquela meia dúzia de doces, por serem trazidas pelas mãos de seu homem, eram para ela joias preciosíssimas.

Roberto cumpria a risca e com honesto gosto, todas as suas responsabilidades de chefe do lar e o supermercado era uma delas. Lúcia apenas o recebia com beijos e ternura e

dispunha no armário, com seus gestos de fada anônima, as pequenas riquezas daquela família.

O único defeito de Roberto, se é que assim se pode chamar, era de esquecer, sempre, e sabe-se lá o porquê, de dois itens da lista: O sal e a caixa de fósforos. Não se podia entender por qual gatilho inconsciente Roberto sempre esquecia exatamente daqueles dois produtos assim tão singelos, mas absolutamente indispensáveis para o bom andamento das coisas. Lúcia não ralhava, mas se intrigava com o repetitivo esquecimento embora acabasse sempre por atribuir tal acontecimento aos mistérios inexplicáveis da vida.

O fato é que se na vida dos dois não havia conflito, talvez fosse exatamente a falta desses dois itens, o único motivo de pequena insatisfação ou desconforto entre eles, mas que logo passava praticamente despercebido em meio ao oceano de carinho e compreensão em que viviam.

Lúcia acostumara-se então a passar alguns dias do mês regrado ao máximo as últimas gramas de sal que sobravam na vasilha umedecida pelo uso dos anos e também a equilibrar os palitos de fósforos ainda acessos de uma boca a outra do fogão a fim de otimizar o seu uso, pois esses, já envelhecidos na caixa, pareciam reclamar, em compreensível cansaço, da sina de acender e consumirem-se daquele modo desimportante em uma cozinha anônima, para um casal também anônimo e com tão pouca expressividade no mundo. Esses dias eram sempre desafiadores para Lúcia que em seu malabarismo de

rainha do lar, preocupava-se com o andamento de todo o resto, pois sabia que sem fogo e sem sal nada daquilo teria sentido ou sabor. A sardinha ficaria fria, o arroz ficaria cru e o feijão, que ela fazia com caldo grosso e saboroso, coisas aprendidas da mãe, sairia adocicado ou incipiente.

Era isso. Sem o sal da vida e sem o fogo da existência, nada poderia ir bem. Não importava se ganhariam uma peça a mais de cabrito do dono da venda naquela semana ou se o marido chegasse com flores, o que ele nunca fazia, pois elas custavam caro, assim como não importava também se ele fosse sempre bom e cordato e esperasse que ela terminasse os “seus dias” para que fizessem amor daquele modo silencioso e bom que era como eles sempre faziam. Não. Sem sal ou fósforos a vida perdia o porquê ou os seus muitos porquês. Até mesmo seus bombons não poderiam ser degustados com tanto esmero e expectativa nas tardes de quinta feira que era o dia em que ela lavava os cabelos e passava hidratante no corpo esperando que Roberto chegasse e a elogiasse. Sem fósforos e sal até mesmo o cotidiano deles e o amor que compartilhavam perderia aquela exatidão e aquela certeza singela. Sem fósforos e sal a casa deles não teria mais calor e nem teria mais comida perfumando a cozinha e o quarto. Sem fósforos e sal eles não acenderiam a lamparina ao lado da cama e beberiam menos água e provavelmente conversariam menos, desidratados que estariam dentro da escuridão do quarto e envoltos talvez, pela primeira vez, em dúvidas existenciais.

Roberto, homem simples que era, não carregava culpa, mas se encafifava porque diachos ele tinha sempre que esquecer daqueles dois produtos tão importantes.

Lúcia, mulher simples que era, por vezes pensava existir dentro do inconsciente do marido algum mecanismo de defesa que o fazia mensalmente deslembrar daquelas duas coisas tão imprescindíveis tanto para a vida, quanto para o amor dos dois. Mas não dava vazão a esses pensamentos e perdoava o esposo de pronto naquele perdão que chega antes mesmo de qualquer julgamento.

A vida era boa, a semana era boa e o mês, ganhando o corte de cabrito ou não, era bom. E talvez a falta momentânea desses dois produtos domésticos era exatamente o equilíbrio que os dois precisavam para não serem vítimas do tédio que acomete somente às almas complexas e que nas simples, são resolvidos apenas com pequenos incômodos cotidianos e facilmente remediáveis.

Um dia, Roberto demorou a voltar pra casa e causou, no lar tranquilo, pesado estranhamento. Habitueiro que era, pontual que era, leal que era, passava das sete da noite e nada da porta se abrir trazendo com ela o motivo do sorriso de Lúcia. Lúcia esperou, esperou, esperou. E as nove e meia, antes de sair para rua, já rezara meio terço e colocara o véu escuro sobre a cabeça. Ela sabia. Uma mulher sempre sabe. E bastou andar duas quadras para receber a notícia ainda fresca de que Roberto, o seu Roberto, havia morrido durante um dos bicos

que fazia. Eletrocutado. Morte fulminante. Aquele homem bom morrera fazendo extras provavelmente para comprar-lhe os bombons que ela tanto gostava ou lhe ajudar a inteirar o dinheiro da troca das cortinas. Era um homem sem vícios, sem impulsos extravagantes e também sem grandes inteligências. Ama-la muito e bem e como Deus mandava, havia sido a única sabedoria da vida dele.

Lúcia recebeu a notícia da morte do marido assim como as almas simples recebem as contrariedades e as fatalidades da vida: Sem revolta e nem pesar extremo. Só aquela tristeza guardada no fundo do peito, bem no fundo que era pra não desagradar os outros e a Deus, porque por Deus, a vida continuava e estar vivo era por si só um grande tesouro. Esse era o lema existencial de Lúcia, o único talvez. E que ela seguia a risca, assim como o marido faria se estivesse em seu lugar.

Os anos passaram e Lúcia por ser jovem, e pela pressão de familiares e amigos, casou-se de novo. Era um homem correto, de ar grave e comedido, não afeito as grandes ou pequenas demonstrações de afeto. Mas era decente e justo e poderia cuidar bem dela porque naquelas épocas, uma mulher avançar na vida sem marido e sem filhos era o mesmo que ser internada em uma colônia para tuberculosos.

Lúcia aquiesceu a todos os contratemplos e exigências da vida porque era boa e ordeira, assim como Roberto fora. Respeitara e afeiçoara-se ao novo marido e aos dois filhos que chegaram assim de pronto, no susto, como chegam as chuvas



Composto em Minion Pro e
impresso em Pólen Bold 90g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em fevereiro de 2019.

